

Disputa na cabeça: Conversações sobre o uso de turbantes e apropriação cultural no *Twitter*¹

Wagner dos Santos Dornelles²

Universidade Federal Fluminense

RESUMO

O presente artigo aborda parte das disputas ocorridas no *Twitter*, decorrentes de dois eventos específicos, ambos denunciados nas redes sociais e motivadores de uma série de engajamentos não só dentro das plataformas, mas também em veículos da mídia comercial. Para entender a dinâmica e as ações decorrentes, a *hashtag* “VaiTerBrancaDeTurbanteSim” será analisada dentro do *Twitter*. O artigo propõe a reflexão dos conceitos de ciberacontecimento³, comunicação em rede e disputas tanto ideológicas quanto a partir dos signos envolvidos nos eventos em questão. Além disso, cabe-nos entender, mesmo que introdutoriamente, os desdobramentos nas interações, tendo como base as novas configurações da plataforma.

Palavras - chaves: Tecnologias; Conteúdos Digitais; Conversações em rede, Disputa.

INTRODUÇÃO

Há alguns anos, pautas que antes eram restritas a movimentos sociais têm encontrado vida por meio da internet. Assuntos historicamente circunscritos às militâncias se tornaram elementos de debate dentro da sociedade. Este ano, um dos temas abordados há tempos pelo movimento negro apresentou grande repercussão nas redes em dois eventos distintos: no primeiro, uma jovem curitibana fez uma postagem no *Facebook* narrando uma interceptação de militantes do movimento negro; o segundo caso, ocorrido cerca de dois meses depois, também foi narrado no *Facebook*, e gerou uma série de engajamentos. Ambos tinham como cerne o conceito de “apropriação cultural”. Os dois casos ultrapassaram os limites estabelecidos pelas plataformas de origem, tendo migrado para diversas redes sociais. Uma delas foi o *Twitter*, que é a plataforma estudada no artigo. A proposta do presente texto é criar um diálogo entre

¹Artigo apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital da Intercom.

²Mestrando em Mídia, Cultura e Produção de Sentido no Programa de Pós-graduação em comunicação da Universidade Federal Fluminense. E-mail: wsdornelles@gmail.com

³Ciberacontecimento é um termo apresentado por Ronaldo Henn (2011), que tem como base o historiador Pierre Norá. Henn trabalha a ideia de que hoje há uma gama de acontecimentos que se constituem a partir das lógicas das redes na internet.

autores que permita uma leitura sobre as características de conversações em rede a partir do uso de *hashtags*. Para isso, faremos a leitura desta ferramenta em três formas de manifestação: mecanismo de busca e indexação, estrutura que permite a conversação em rede; estrutura de signos, que permite identificar questões sociais, e conflitos de classes. Para falar sobre o assunto, usaremos como corpus as postagens atreladas à *hashtag* “#VaiTerBrancadeTurbanteSim”, feitas entre 10/02/2017 e 15/05/2017. Para entender os desdobramentos destas postagens, faz-se necessário recorrer a literaturas que contemplem os conceitos de disputa de sentido, ambiente de rede e características do cibercontecimento, a partir de diferentes visões da linguística e teorias sobre o ambiente digital. A escolha deste corpus se deve à possibilidade de mapeamento da quantidade de engajamentos e do processo de ressignificação da *hashtag* durante os dois eventos citados. Para isso, é necessário entender as características dessa conversação e suas implicações a partir da compreensão dos fenômenos que resultaram no impulsionamento da temática em questão dentro do *Twitter*.


Nesse período, foram feitas 84 postagens em que se pôde perceber desde mudanças na estrutura tecnológica que representam novas leituras das interações no ambiente digital, até mesmo resgatar características conversacionais anunciadas por autores basilares da comunicação.

Em tempo, cabe ressaltar que o texto não pretende abarcar juízo de valor acerca do que é apresentado enquanto argumento pelas diferentes frentes envolvidas, e sim promover uma reflexão entre autores sobre os fatores implicados nos processos comunicativos pertinentes aos eventos em questão.

SURGIMENTO DA *HASHTAG* E CASOS IMPLICADOS

No início de 2017, uma visão sobre o conceito de apropriação cultural foi trazida à tona a partir de uma nota divulgada pelo site *HuffPost Brasil*, intitulada “Vai ter branca de turbante, sim”. A nota apresentava um texto postado no *Facebook*, com grande número de reações e compartilhamentos. A autora, Thauane Cordeiro, afirmava que militantes do movimento negro haviam criticado o fato de a curitibana usar um turbante. A agressão teria ocorrido sob a alegação de que por ser branca, ela não poderia usar o adereço.

Além de cerca de 38 mil compartilhamentos, 139 mil curtidas e 1.372 comentários⁴, o tema foi pauta recorrente na mídia hegemônica: ocupou páginas de grandes jornais como *Folha de São Paulo*, *Extra* e *O Dia*, além de figurar nos sites das revistas *Veja* e *Época*, nesta última, tendo sido, inclusive, tema de uma coluna escrita pela jornalista Ruth de Aquino. Tanto na postagem de Thauane, quanto em todas as matérias e notas acerca do assunto, pôde-se observar o questionamento sobre o conceito de “apropriação cultural”, terminologia usada como fio condutor da discussão na postagem original, que pode ser vista abaixo:



Thauane Cordeiro
4 de fevereiro · 🌐


Seguir

Vou contar o que houve ontem, pra entenderem o porquê de eu estar brava com esse lance de apropriação cultural:

Eu estava na estação com o turbante toda linda, me sentindo diva. E eu comecei a reparar que tinha bastante mulheres negras, lindas aliás, que tavam me olhando torto, tipo " olha lá a branquinha se apropriando dá nossa cultura", enfim, veio uma falar comigo e dizer que eu não deveria usar turbante porque eu era branca. Tirei o turbante e falei "tá vendo essa careca, isso se chama câncer, então eu uso o que eu quero! Adeus.", Peguei e sai e ela ficou com cara de tacho. E sinceramente, não vejo qual o PROBLEMA dessa nossa sociedade em, meu Deus!

#VaiTerTodosDeTurbanteSim

Foto dá negra branca mais chave que vocês conhecem, Juro que tentei tirar uma foto decente, mas não deu. Foi mal!



Postagem original feita por Thauane Cordeiro, no dia 4 de fevereiro de 2017

⁴ Dados apurados até a data de 06 de maio de 2017.

A temática não era nova. Já a importância dada dentro das agendas de uma série de produtos midiáticos, sim. O fato gerou uma grande disputa nas redes. De um lado, postagens em defesa de Thauane e do direito de uso irrestrito do turbante; do outro, internautas que questionavam a veracidade do depoimento, criticando o direcionamento dado ao tema. Nesta mesma época, o portal *Geledés* divulgou um artigo chamado *Está na moda ser preto, desde que você não seja preto*⁵. O texto, postado originalmente em agosto de 2015, ganhou sobrevida em resposta ao caso, e até o dia 19/05/2017 teve 1.719 compartilhamentos, 506 comentários e 9.089 reações.

No decorrer do mês de fevereiro, postagens a favor e contra o relato de Thauane ocuparam grande parte das discussões em diferentes redes sociais, sendo tópico de vários artigos e vídeos. Cabe ressaltar que a *hashtag* em questão não foi criada nesta postagem, já que, como pode ser visto no texto original, a utilizada foi “#VaiTerTodosDeTurbanteSim”.

Após um período de intensas postagens logo após a publicação da matéria do *HuffPost Brasil*, o assunto perdeu o fôlego. O debate foi resgatado em abril, logo após uma situação ocorrida durante uma festa de formatura. Na ocasião, a estudante Dandara Tonantzin Castro teve seu turbante arrancado e foi agredida por colegas de turma, conforme narra a postagem feita pela *Revista Fórum*, no dia 24/04/2017:

“A representante do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial e diretora da União Estadual dos Estudantes de Minas Gerais (UEE-MG), Dandara Tonantzin Castro, foi agredida física e verbalmente na noite deste sábado (23) por um grupo de homens durante festa de formatura do curso de Engenharia Civil da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Ela teve o turbante arrancado e jogado no chão por um homem enquanto outros presentes atiravam cerveja nela. Além disso, sofreu xingamentos, ameaças e foi a última a sair da festa com medo de novas agressões.”⁶

Em sua página pessoal, Dandara compartilhou o texto chamado *A nossa presença incomoda: Sobre o racismo em uma festa de formatura*, que teve mais de 17 mil compartilhamentos, 71 mil curtidas e cerca de 12 mil comentários⁷.

⁵ Disponível no site: <http://www.geledes.org.br/esta-na-moda-ser-preto-desde-que-voce-nao-seja-preto/> (acessado em 19/05/2017)

⁶ Postagem disponível no link: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1011797292254009&set=a.347307938702951.1073741825.100002712429073&type=3&theater>

⁷ Dados apurados até a data de 19 de maio de 2017.



Postagem original feita por Dandara Castro, no dia 23 de abril de 2017.

O caso de Dandara também ganhou espaço na mídia, tendo sido tema do Programa Encontro com Fátima Bernardes, exibido pela Rede Globo, no dia 27/04/2017. Além disso, figurou em diferentes revistas e jornais. Em ambos os eventos, a discussão foi intensificada pela participação de influenciadores(as) digitais e movimento sociais, ganhando corpo em diferentes plataformas.

Uma das formas possíveis para a análise poderia ser baseada na narrativa da mídia comercial, já que houve uma polarização em torno dos eventos. Em ambos os casos, havia publicações que colocavam em xeque a veracidade dos relatos. Um exemplo foi o enfoque dado pela revista *Veja* ao caso de Thauane, que indicava como certa a agressão, mas, por outro lado, apresentou o texto sobre Dandara como uma “suposta” agressão. Tais estruturas narrativas serão tema de um artigo futuro. Por ora, este texto se ocupará da análise dos desdobramentos de ambos os eventos, a partir de seus potenciais enquanto ciberacontecimentos, dentro do *Twitter*.

A CONSTRUÇÃO DO AMBIENTE DE CONVERSAÇÃO NO *TWITTER* A PARTIR DAS *HASHTAGS*

Para iniciar o debate, devemos ter em mente a polivalência das *hashtags* no ambiente digital, principalmente no *Twitter*, berço deste tipo de linguagem. Além de mecanismo de busca e indexação, criado pelo próprio usuário, a ferramenta também é um indicador de relevância de um dado assunto na rede, permitindo a visão comportamental das palavras ou da combinação de palavras em escala regional ou até mesmo global. “As *hashtags* são palavras-chave precedidas pelo símbolo da cerquilha (#), que as pessoas podem incluir em suas mensagens, fazendo com que o conteúdo publicado online seja acessível a todas as pessoas com interesses semelhantes” (GOMES, GOMES, 2016, p. 759).

De forma geral, o recurso é utilizado no contexto de frases que podem produzir efeitos distintos a partir da associação com diferentes figuras de linguagem, atendendo desde questões de afirmação ao tópico proposto pela *hashtag*, ou até mesmo tendo como efeito a refutação, desqualificação, dentre vários modos de uso decorrentes do processo de ressignificação. De acordo com Raquel Salcedo Gomes e Marcelo Salcedo Gomes:

“Chris Messina, um dos criadores da *hashtag*, apresentou a ideia a um desenvolvedor do Google. Messina sugeriu então que ela representasse a divisão de “grupos” no *Twitter*. Por meio das *hashtags* é possível que pessoas e empresas alcancem um público maior com as informações que divulgam nas redes sociais. Também, devido à utilização delas, é mais fácil conseguir mensurar e ter mais controle sobre o que está sendo publicado sobre um determinado tema. Por isso, as *hashtags* devem ser utilizadas como indexadores, com a finalidade de melhorar as buscas futuras dos usuários.” (GOMES;GOMES, 2016, p. 759)

Ao observar o período do uso da *hashtag* no espaço de tempo que o artigo se refere, percebem-se dois momentos distintos: num primeiro, que antecedeu o episódio envolvendo Dandara, foram feitas 75 postagens originais (desconsiderando retuítes e respostas) sobre o tema; após o ocorrido, apenas nove.

Obviamente, ao desconsiderar as interações, também desconsideramos aquilo que representa a função principal da plataforma: a estrutura de comunicação em rede. Neste sentido, além do uso da *hashtag*, devem ser levadas em consideração respostas, retuítes e classificações como favoritos. Para problematizar os conceitos, precisamos entender o comportamento e a arquitetura das conversações em rede.

HASHTAGS, CONVERSACÕES EM REDE E HIERARQUIAS

Analisar a *hashtag* a partir de sua função é algo importante, mas há também a necessidade de pensar a estrutura tecnológica onde esse processo comunicativo ganha corpo e sentido. Assim, podemos recorrer às análises propostas por Raquel Recuero (2012) ao abordar as naturezas das redes sociais. Além de observar o comportamento e as interações em diversas redes sociais, a autora analisa as características do *Twitter*, detalhando a dinâmica de uso das *hashtags* na rede e seu impacto no processo de conversação.

“Através do uso da *hashtag*, que provê o contexto, é possível acompanhar centenas de pessoas falando umas com as outras, em uma conversação que parece caótica e complexa. A conversação em rede, assim, é passível de ser contextualizada e recuperada e, por isso, consegue espalhar-se e amplificar-se dentro das redes sociais”. (RECUERO, 2012, p. 126).

A autora apresenta um debate sobre as características do *Twitter* e, ainda, uma análise consonante com o pensamento de Raquel Salcedo Gomes e Marcelo Salcedo Gomes sobre o uso das *hashtags*. Cabe destacar as características específicas dessas interações, que gravitam em um tema específico gerando ressignificações, ou movimentos de confirmação que, muitas vezes, são manifestados em forma de retuítes ou respostas.

A *hashtag* utilizada como base do artigo, *#VaiTerBrancadeTurbanteSim*, não chegou a ser um *Trend Tópico*⁸, mas, de todo modo, a conversa foi viabilizada puramente pela existência da criação de um assunto em torno do qual as postagens circularam. Outro dado importante é que, além de um mecanismo de busca e indexação, a *hashtag* também funciona como uma espécie de termômetro de relevância dentro do *Twitter*. Caso um dado assunto apresente grande repercussão, as frases ou *hashtags* mais utilizadas nas postagens são listadas na barra lateral da página.

Apesar da completude do pensamento apresentado por Raquel Recuero, o *Twitter* passou por mudanças recentes que, em certa medida, tiram do usuário o poder de elencar assuntos relevantes a partir de sua interação direta. Em 2016, a plataforma foi comprada pelo *Facebook* e passou a integrar o conglomerado de redes sociais da empresa, que também inclui *Instagram* e *WhatsApp*. Neste cenário, houve uma alteração

⁸ *Trend Topic* é uma “lista de tópicos mais discutidos nas redes sociais dentro do *Twitter* em um determinado momento”, (RECUERO;2012,p127)

na oferta de conteúdo, que passou a ser ligada à tecnologia de algoritmos, algo não abordado nas literaturas citadas anteriormente. Apesar de não haver uma divulgação exata do comportamento dessa tecnologia, sabe-se que ela ajusta a oferta de conteúdo às preferências do usuário, tendo como base seu comportamento na rede, que leva em consideração itens como curtidas, uso de palavras e cliques. Em 5/12/2016, o site *TecTudo* noticiou esta mudança:

“O sistema de classificação de conversas já era usado na versão desktop, mas só agora foi incorporado aos aplicativos. O recurso é semelhante à mudança de algoritmo proposta em fevereiro de 2016, que faz com que os tuítes não sejam exibidos em ordem cronológica.

Segundo o *Twitter*, as respostas são classificadas em diferentes graus, de acordo com a relevância para o usuário. O microblog não revela todos os critérios usados, apenas diz que fatores como uma resposta do autor original da conversa ou de uma conta seguida pelo usuário são usados.”⁹

Há uma série de artigos que fomentam a discussão em torno dos algoritmos, mas vamos nos ater apenas a uma análise introdutória sobre o assunto, já que esta temática tem implicações, leituras e desdobramentos que merecem um estudo à parte:

“A criação de algoritmos para análises que muito significativamente são chamadas de big data. Embora se possa pensar que se encontra aí um campo exclusivo dos cientistas da computação, já que são eles os responsáveis pela criação de algoritmos para o processamento e tratamento dos dados, são muitas as áreas de conhecimento e prática - física, economia, matemática, ciência política, bioinformática, sociologia, saúde e muitas outras - que hoje reclamam pelo acesso a uma quantidade gigantesca de informação que é produzida e que é indicativa do que fazem as pessoas, de como andam as coisas, de todas as interações entre elas e dos processos resultantes. O big data permite produzir, analisar e visualizar o desenho de grandes conjuntos de dados para identificar padrões a fim de responder a demandas econômicas, sociais, técnicas e jurídicas etc.” (SANTAELLA, 2016, p. 20)

Além disso, retomando a análise de Recuero, pode-se fazer um incremento a partir de textos basilares, como o de Deleuze e Guattari, já que o comportamento em rede não garante a mesma possibilidade de interações para todos. No caso das *hashtags*, há uma arquitetura conversacional em torno de um assunto proposto, que garante uma série de processos comunicativos complexos. Uma leitura possível, tem como base o conceito de rizoma, e as críticas às leituras dicotômicas, principalmente aquelas decorrentes do Estruturalismo. Sendo assim, podemos utilizar o texto presente no livro *Mil Platôs* como possibilidade de análise:

“Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente

⁹Notícia disponível no site: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/12/twitter-adota-contagem-e-inclui-algoritmo-nos-replys-de-tuites.html> (acessado em 07/06/2017)

a um traço lingüístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas. Os *agenciamentos coletivos de enunciação* funcionam, com efeito, diretamente nos *agenciamentos maquínicos*, e não se pode estabelecer um corte radical entre os regimes de signos e seus objetos. (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 14)

Tendo este pano de fundo, pode-se dizer que, mesmo tendo consciência da amplitude semiótica¹⁰ do evento em questão, por questões metodológicas, serão analisadas as posturas que representam figuras antagônicas dentro do debate.

Retomando o pensamento de rizoma, ao adaptar para o contexto atual, é possível afirmar, de certa forma, que a própria rede norteia o alcance das informações em trânsito através dos algoritmos e ajuda, por consequência, a elencar os pontos de centralização das conversações, impactando diretamente a interação entre os internautas, algo que se justifica pela necessidade de estimular a contratação de patrocínios que ampliem este alcance, ou para evitar a debandada de usuários.

Como último ponto de análise, devemos pensar nas palavras usadas na *hashtag* enquanto signos que pressupõem dois momentos. O primeiro abarca o uso lingüístico de uma forma mais simples, que pode ser definida a partir do texto apresentado por Peirce, ao abordar as definições de signo. De acordo com o autor, o signo que define a linguagem “é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém” (PIERCE, 2005, p.46). Esta linha de raciocínio cria terreno para entendermos, num segundo momento, a composição das disputas a partir dos conceitos de Bakhtin ao falar sobre signo ideológico e dos escritos de Barthes acerca do Mito.

O TURBANTE, DISPUTAS E SIGNO IDEOLÓGICO

Todo o debate acerca de apropriação cultural e disputa utilizou como item um elemento em especial: o turbante. A *hashtag* utilizada no *Twitter*, por exemplo, faz uso de uma postura impositiva para indicar o uso da vestimenta. Neste sentido, antes dos fatores tecnológicos indicados, devemos perceber a frase atrelada ao símbolo de tralha (#) “Vai ter branca de turbante sim”, que coloca o objeto como centro da disputa, algo que pode ser percebido nas tensões criadas pelo embate de forças dentro dos 84 tuítes que serviram de base para o artigo.

¹⁰A semiótica é a teoria geral dos signos. Esta ciência trata do estudo dos signos na vida social, à semelhança da semiologia. (Texto disponível no site: [Conceito de semiótica - O que é, Definição e Significado](http://conceito.de/semiotica#ixzz4m3UI8ZxN) <http://conceito.de/semiotica#ixzz4m3UI8ZxN>) (acessado em 25/05/2017)

De forma resumida, podemos determinar três linhas de ação atribuídas a *hashtag* em questão: de um lado, há a defesa do uso irrestrito do turbante, a partir da alegação de que o adereço não pertence a uma raça ou cultura em especial. Os defensores remontam as origens do objeto, ressaltando, inclusive, o argumento de que houve a apropriação do adereço pelas culturas africanas, já que inicialmente o turbante seria uma vestimenta asiática. Em outro extremo, há os que defendem o conceito de apropriação cultural. Por fim, há os que não tomam partido, mas fazem piadas ou criticam a existência do debate.

O presente texto se propõe a pensar o turbante como signo ideológico, a partir do processo de significação do objeto, de acordo com os escritos de Bakhtin:

“Para que o objeto, pertencente a qualquer esfera da realidade, entre no horizonte social do grupo e desencadeie uma relação semiótico-ideológica, é indispensável que ele esteja ligado às condições sócio-econômicas essenciais do referido grupo, que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material (...). Em outras palavras, não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social.” (BAKHTIN, 2006, p. 44)

A partir das postagens, podemos perceber que pela visão do movimento negro, há um aspecto relacionado à ancestralidade, religiosidade e resistência atribuídas ao adereço. Desta forma, o movimento de uso irrestrito e da incorporação do adereço pela indústria da moda prevê a destituição de toda simbologia. Podemos recorrer ao autor novamente para entender o cenário de disputa entre os signos, já que em seu texto ele prevê um conflito ao tratar a disputa pela ideologia atrelada ao signo.

“O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: a luta de classes. Classe social e comunidade semiótica não se confundem. Pelo segundo termo entendemos a comunidade que utiliza um único e mesmo código ideológico de comunicação. Assim, classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Conseqüentemente, em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta plurivalência social do signo ideológico é um traço da maior importância.” (BAKHTIN, 2006, p. 45)

Os trechos citados ampliam os limites do conceito de signo apresentado originalmente por Peirce, já que, a partir de uma perspectiva marxista, Bakhtin pressupõem o embate de classes em torno deste signo. Por este mesmo caminho, podemos recorrer a Roland Barthes e sua análise sobre os mitos, a partir da tradição estruturalista:

“(...) já que o mito é uma fala, tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso. O mito não se define pelo objeto da

sua mensagem, mas pela maneira como a profere: o mito tem limites formais, mas não substanciais. Logo, tudo pode ser mito? Sim, julgo que sim, pois o universo é infinitamente sugestivo. Cada objeto do mundo pode passar de uma existência fechada, muda, a um estado oral, aberto à apropriação da sociedade, pois nenhuma lei, natural ou não, pode impedir-nos de falar das coisas” (BARTHES, 1957, p. 131)

Arelada aos conceitos de signo e mito, devemos levar em conta a ideologia e as forças que se digladiam no terreno da linguagem, fazendo um movimento já anunciado por Bakhtin através das ideias de reflexão e refração (BAKHTIN, 2006, p. 29). A fala do autor se completa a partir da ideia de que “os próprios objetos poderão transformar-se em fala se significarem alguma coisa” (BARTHES, 1954, p. 133). O conceito em questão se conecta a compreensão do turbante enquanto significante, já que existe uma série de questões culturais ligadas ao objeto. Assim, se usarmos como base a disputa em questão, podemos verificar alguns tuítes para entender o comportamento na rede:



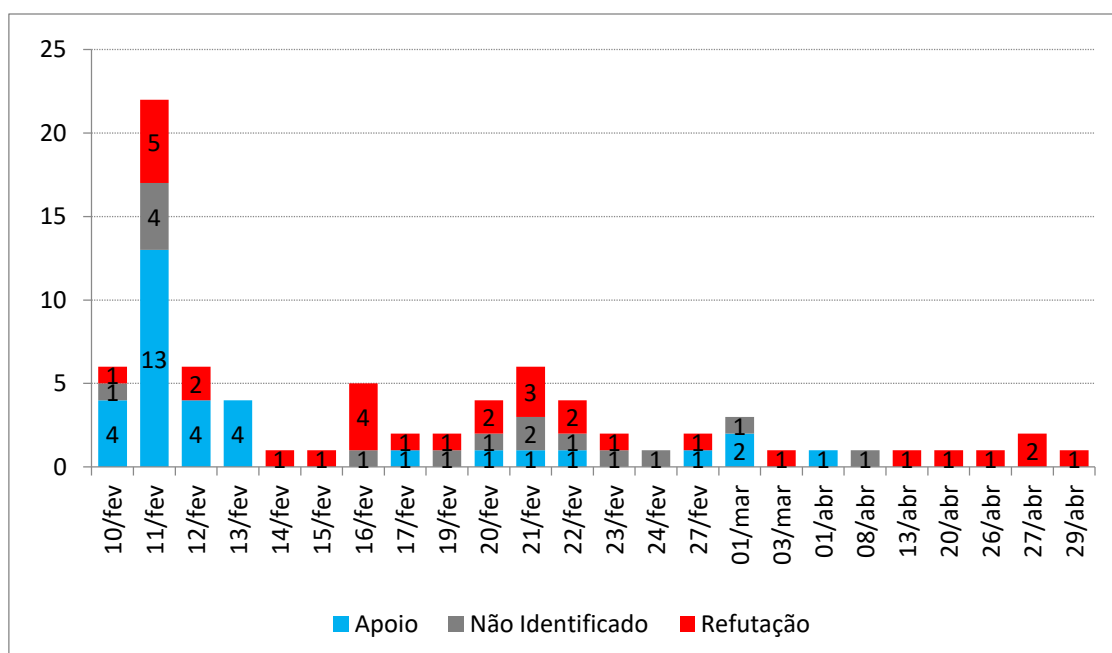
Imagem 1 Print das primeiras cinco postagens feitas no Twitter utilizando a Hashtag, após o dia 10/02/2017

Os argumentos em defesa do uso irrestrito são fortemente apoiados no direcionamento argumentativo do texto de Thauane Cordeiro, o primeiro caso citado. Neste sentido, o direcionamento dado ao debate diz respeito à democracia no uso de elementos da cultura negra. O artigo de Ruth de Aquino pode ser usado para apresentar os argumentos daqueles que defendem a *hashtag*:

“O turbante é uma desculpa errada e arrogante para discutir racismo. Não é propriedade dos negros. Esconde um dos maiores símbolos da negritude

universal: os cabelos *black*. Quem conhece a África sabe que a expressão “cultura africana” é quase ofensiva a um continente tão diversificado, com 54 países e uma infinidade de tribos, dialetos, regimes e costumes.”¹¹

Este fragmento revela algo que pode ser completado ao conceito apresentado por Barthes, já que o mito pressupõe um sentido, que o autor conceitua como uma “face plena” e uma forma apresentada, a “face vazia”. Por este ângulo, pode-se afirmar, de acordo com o autor, que o conceito deforma a face plena, e justamente neste ponto reside a disputa. A questão é que há um embate de forças evidente, que se encontra, justamente, no campo semiótico, e está intrinsecamente ligado às disputas que são cortadas por questões socioeconômicas. Numa leitura final, podemos analisar o comportamento das postagens. A primeira a utilizar a *hashtag* em questão foi feita em junho de 2016, obviamente sem correlação com os eventos ocorridos este ano. Já fazendo menção ao período em análise, a partir do caso de Thauane, a primeira postagem foi feita no dia 10/02/2017, paradoxalmente, criticando a criação da “#VaiTerBrancaDeTurbanteSim”, talvez como resposta à discussão criada no *Facebook* sobre o assunto. O evento foi seguido por diversos tuítes de apoio, mas este comportamento mudou quando um vídeo questionando a agressão foi compartilhado usando a *hashtag*, conforme pode ser visto abaixo:



¹¹Texto disponível no link: <http://epoca.globo.com/sociedade/ruth-de-aquino/noticia/2017/02/vai-ter-branca-de-turbante.html> (acessado em 22/06/2017)

Tabela 1 Comportamento das postagens originais durante o período proposto pelo artigo

No dia 17 de fevereiro, Ana Paula Xongani, divulgou o vídeo “#VaiTerBrancadeTurbanteSim. Apropriação ou racismo?”¹², algo que mudou o direcionamento do debate dentro da *hashtag* e o estilo das postagens, já que as palavras de apoio e relativização deram lugar a uma série de críticas à tônica dada ao conceito de apropriação cultural. Após o caso de Dandara, ocorrido em abril, a youtuber lançou um novo vídeo, este compartilhado três vezes em associação com a *hashtag*.

COMPORTAMENTO DA CONVERSAÇÃO EM TORNO DA HASHTAG

Utilizando os dois eventos como exemplo, percebe-se que há um mal-entendido a partir da gênese dos debates. Diferente do que é pregado em boa parte das postagens, a *hashtag* em questão foi cunhada justamente pela matéria do site *HuffPost Brasil*, no dia 10/02/2017. A postagem feita por Thauane Cordeiro, seis dias antes, abarca o discurso da democracia dos usos, estimulando o uso da *hashtag* “#VaiTerTodosdeTurbanteSim”.

Após o primeiro dia de uso da *hashtag*, que apresentou uma série de postagens em defesa da curitibana, houve uma reação a partir da divulgação de vídeos postados originalmente no *YouTube* e no *Facebook*, em torno da temática. À medida que novas análises surgiram, as publicações passaram a ser mais duras e críticas, tendo como base itens não apresentados na postagem original, como turbantes arrancados, e a modificação do texto da *hashtag* criada.

Obviamente, como o tema teve sua gênese no *Facebook*, podemos perceber uma conversação entre as plataformas feita, inclusive, a partir da existência de ferramentas que automatizam a replicação das postagens. Isso justifica, ainda, o fato do surgimento da *hashtag* ter sido numa postagem de crítica ao texto que acompanhava o símbolo de tralha (#).

Apesar de, no mês de fevereiro, a maior parte das manifestações nas postagens ter sido de apoio à Thauane, à medida que o debate avançava e era tensionado em vídeos e reportagens, as questões apontavam para outro extremo em que o relato era criticado. Mesmo sem atingir os números do dia 11/02/2017, as postagens representavam grandes debates em rede, tendo como base os sistemas de conversação e ressignificação manifestados como compartilhamentos e respostas. Principalmente após

¹² Vídeo disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=8Mt4bYgEloE> (acessado em 25/05/2017)

a divulgação do caso de Dandara, que reacendeu o debate sobre apropriação cultural, tendo sido mote, inclusive, para uma série de manifestações na página pessoal de Thauane Cordeiro, no Facebook. Alguns destes comentários, responsabilizavam a curitibana pela agressão sofrida por Dandara. No *Twitter* não houve este tipo de interação associada à hashtag, mas para entender as características da conversação, podemos destacar algumas postagens. A que apresentou maior número de reações se tratava de um tuíte acerca da criação de uma fantasia para o carnaval, apelidada como “a branca de turbante”. A postagem apresentou 22 marcações como favorita e quatro respostas, que tratavam a questão como forma de humor. O sucesso das abordagens cômicas também ficou nítido ao verificarmos a repercussão do vídeo TUTORIAL | #VaiTerBrancaDeTurbanteSim¹³, do canal *Bola 8*. Como o vídeo utiliza a *hashtag* no título, cada curtida gerava um tuíte nas contas vinculadas ao *YouTube*. Paralelamente, a youtuber Ana Paula Xongani publicou dois vídeos¹⁴ que esbarravam na mesma estratégia. O primeiro, sobre o caso ocorrido com Thauane Cordeiro, e o segundo, dois meses depois, a partir da denúncia feita por Dandara Castro. Esse segundo caso não representou grande movimentação na *hashtag* em questão, mas numa tentativa de incorporar o tema ao debate, um internauta compartilhou uma nota¹⁵ publicada pelo site Buzzfeed sobre o assunto.

Em termos de arquitetura, a *hashtag* em questão propiciou uma série de pequenas conversações em rede, conectadas entre si pelo processo de indexação, não necessariamente promovendo uma conversação entre frentes antagônicas, mas sim mantendo o debate circunscrito às opiniões convergentes, em grande parte dos casos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode ser observado, há uma série de condicionantes atreladas às questões das disputas, algo que interfere diretamente os aspectos das conversações em rede. Tal fato ficou claro a partir do esforço dos movimentos sociais em tentar apresentar o debate e o conceito de apropriação cultural através da disseminação de materiais a partir do uso da *hashtag* em questão.

¹³Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=vuIgRwArFIQ> (acessada em 01/06/2017)

¹⁴ O segundo vídeo de Ana Paula Xongani está disponível pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=wZJUqDX5yLg> (acessada em 01/06/2017)

¹⁵ Disponível no link: https://www.buzzfeed.com/tatianafarah/homens-arrancam-turbante-e-jogam-cerveja-em-mulher-negra-em?utm_term=.wxLmBp8jM#.gaYE2IJLV (acessada em 01/06/2017)

Apesar de ser um recorte das tensões em rede, o que se percebe a partir de um olhar crítico é que essas tensões reproduzem conflitos de ordem social externos ao ambiente virtual, algo profundamente abordado nos vídeos que foram indexados a partir do uso da *hashtag*. Neste sentido, podemos afirmar que estruturas e hierarquias presentes na sociedade mantêm sua força no ambiente digital, já que os discursos tomaram proporções de relevância e organização conversacional, principalmente após o acolhimento das temáticas por veículos da grande mídia. Ambos os casos, tanto o de Thauane quanto o de Dandara, se tornaram exemplos em que os media expuseram seus posicionamentos acerca do debate racial, garantindo, a partir daí, uma série de engajamentos em torno das suas opiniões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12 ed. [S.L.]: HUCITEC, 2006. 44 p.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 131-133 p.

DELLEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil platôs. capitalismo e esquizofrenia*. vol 1. 1 ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1995. 10-14 p.

GOMES, Raquel Salcedo; GOMES, Marcelo Salcedo. *Mobilidade e tecnocultura: q linguajar é esse?*. Encontro Rede Sul Letras: Formação de Redes de Pesquisa, [S.L.], p. 750-758, mai. 2016.

HENN, Ronaldo Cesar; OLIVEIRA, Felipe Moura De. *Jornalismo e movimentos em rede: a emergência de uma crise sistêmica*. Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 22, n. 3, jul./set. 2015.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005. 46 p.

RECUERO, Raquel. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. 1 ed. Porto Alegre: Meridional LTDA, 2012. 132-169 p.

SANTAELLA, Lucia. *O paradigma do sensível na comunicação*. Rev. Comun. Midiática (online), Bauru/Sp, v. 11, n. 1, p. 17-28, jan./abr. 2016.